

Vida Escolar

Junho 2025

Educar em nosso tempo: o desafio pós moderno e a pedagogia da Ação Comunicativa

Marco Silva

Vivendo o tempo do relativismo, o educar precisa saber que a pedagogia deve abandonar o modelo "apresentar o exemplo - seguir o exemplo". Hoje o que educa mais é a experimentação, o vivido coletivo e a interação comunicativa. A qualquer hora o estudante está aberto a qualquer aprendizagem. E o educador precisa cuidar do equilíbrio entre a vida cotidiana do aluno fora da escola e o seu aprendizado intra-escolar. Priorizando a pluralidade e a democracia da fala, ele deve estar com um olho na escola cotidiana e outro no cotidiano da escola. Na escola cotidiana o aluno aprende fazendo. No cotidiano da escola, especialmente na sala de aula, ele não deve ser obrigado a dissociar o fazer e o saber da fala livre e plural.

Não basta ao educador saber que "não tem sentido transmitir, pela via da escola, um conjunto compartimentalizado e enlatado de conhecimentos que se chocou ou não se relaciona com a realidade que entra diariamente pelos olhos e ouvidos das crianças (e jovens) na televisão, no rádio, nas conversas em casa (e na rua), nos jornais". Não basta saber que a escola deve responder a estimular a motivação e interesse dos alunos, se, na sala da aula, o educador não garantir a fala livre e plural. O educador deve saber que os princípios da ética discursiva - liberdade, igualdade e ausência de coação - não são espontâneos, nas nascem por si mesmo sem a sua intervenção.

Assim a escola pode enfrentar em nosso tempo o desafio de recuperar o fundamento emancipatório da educação! Basta que ela forme interlocutores competentes, isto é, que ela estimule as interações comunicativas exercitando a fala e a pretensão de validade num ambiente feito de pluralidade de vozes, de liberdade, igualdade e ausência de coação. A escola deve acolher as pequenas narrativas existentes no corpo discente e docente e assegurar o seu confronto num ambiente marcado pelos princípios da ética discursiva. Uma vez que esta ética não é espontânea, cabe à escola educar para a competência dialógica, para a negociação em busca do consenso, enfim, para a ação comunicativa.

Vida Escolar

Junho 2025

A pedagogia que incentiva a interação comunicativa num clima de liberdade, igualdade e ausência de coação tem em si mesma este direcionamento. Por isso, não deixa o aluno entregue ao espontaneísmo, ao não diretivismo. O educador precisa saber que abandonar a criança e o adolescente à força dos seus instintos, à força do redemoinho semiótico e do mercado, significa permitir que sua formação se realize extraindo coaticamente do ambiente geral todos os motivos de vida.

A sala de aula como reduto privilegiado da ação comunicativa deve priorizar a abordagem transdisciplinar, holista, capaz de fazer justaposição dos conhecimentos das diferentes áreas envolvidas. Também deve priorizar a relativização das certezas estabelecidas - na medida em que a vida cotidiana remete a uma multiplicidade de experiências coletivas. Em geral os alunos gostam de falar de sua vida, de sua emoção vivida, experimentação coletiva, sentimentos, afetos, imaginações e conhecimentos, mostrando sempre seus argumentos e pretensões de validade. E o educador deve estar preparado para trabalhar os conteúdos curriculares em interação com as vozes e éticas particulares ou grupais.

O aluno deve aprender os conteúdos de história, geografia, matemática, sociologia, política, arte, etc.. sempre na interação comunicativa. Na sala de aula, sua fala livre e plural deve ser intensamente estimulada. Ele deve aprender a amar o diálogo e nutrir-se dela.

O professor que estimula a interação comunicativa exercitando a fala livre e a busca de novos consensos, educa para a convivência com a pluralidade de vozes. Educa para a pretensão de validade num clima de liberdade, igualdade e ausência de coação. Ele acolhe as narrativas dos alunos e assegura o seu confronto num ambiente pautado pelos princípios da ética discursiva. E uma vez que esta ética não é espontânea, cabe ao professor educar para a competência dialógica, educar para a negociação em busca do consenso, educar enfim para a ação comunicativa.

A partir da ação comunicativa o educador tem a possibilidade de uma pedagogia muito apropriada ao nosso tempo de ruínas, mas onde sobrevive a pluralidade de uma pedagogia que troca a autoritária linguagem da recitação pela abordagem que permite aos estudantes falar de suas próprias histórias e memórias coletivas. Uma pedagogia que levanta questões fundamentais sobre como os estudantes fazem investimentos específicos de significado e de afeto.

Vida Escolar

Junho 2025

A pedagogia da ação comunicativa dá condições para que os alunos não só falem de suas experiências passadas e presentes, mas que as coloquem dentro de relações existentes de dominação e resistência. Tudo na escola deve contribuir para que os estudantes possam achar uma linguagem para encaminhar as formas históricas e socialmente construídas pelas quais vivem. Tudo deve favorecer a formação de um novo tipo de sujeito ao mesmo tempo múltiplo e democrático. Alguém capaz de valorizar cidadania e democracia. Alguém capaz de lidar com as diferenças e divergências cotidianas.

Nosso tempo - não importa se modernidade tardia ou pós-modernidade - é marcado pela pluralidade, relativismo e enfraquecimento das grandes narrativas modernas. Conseqüentemente, o que temos é a explosão de particularismos e de tendências, uma vez que estão enfraquecidas aquelas narrativas globalizantes.

Temos hoje o pluralismo de vozes, de pequenos discursos que criam um ambiente cada vez mais refratário à anulação de diferenças. Depois do grande discurso da luta de classes, o que temos são as pequenas lutas de raças, de culturas, de sexos, de tribos urbanas.

Quanto à juventude, também não temos mais os grandes discursos unificadores dos jovens. Afinal, não temos mais uma juventude, mas várias: os punks, os góticos, os yuppies, os metaleiros, os carapintadas, os skinheads, etc. E cada juventude com suas fronteiras bem demarcadas.

Diante de tantas fronteiras que demarcam tantos particularismos, Habermas deixa claro que só a interação comunicativa, feita de fala livre e plural mantém depurada a racionalidade emancipatória que fundou a modernidade. Essa racionalidade tão apropriada ao nosso tempo é que deve ser a base de uma pedagogia capaz de transpor fronteiras éticas, estéticas, morais e simbólicas que fazem hoje a pluralidade confusional dos modos da vida e do comportamento.

Enfim se não temos mais a força unificadora dos imperativos universais, temos então a pedagogia da ação comunicativa. Com ela a escola pode manter o fundamento emancipatório da educação ou o sonho vanguardista da pedagogia. Ou seja: desenvolver nas novas gerações a capacidade de reinventar o seu tempo e de contrapor-se às influências e ações que impeçam o progresso humano entendido como superação.